

OS LABIRINTOS DA POESIA

Coletânea de ensaios de Alberto Pucheu e reunião de artigos sobre a poeta Annita Costa Malufe se unem na tarefa de pensar os terrorismos que cruzam nossos tempos – e a forma como a poesia se faz com e contra eles

TARSO DE MELO

O percurso de Alberto Pucheu como poeta e ensaísta sempre se destacou pelas múltiplas contaminações entre campos que, no geral, aparecem separados. Até mesmo seu currículo acadêmico confirma esse interesse por transitar, tensionar e não aceitar como diversos os campos que lhe interessam e outros que descobre no caminho, desde a graduação e o mestrado em Filosofia até o doutorado e a docência atual em Letras. Na filosofia dos poetas, na poesia dos filósofos – foi sempre aí que Pucheu se sentiu mais à vontade. E mesmo os títulos de vários dos seus livros de poesia nos permitem refletir sobre a persistência desses trânsitos: penso em *Na cidade aberta* (1993), *A fronteira desguarnecida* (1997) e *Escritos da indiscernibilidade* (2003).

Diante da poesia potente de Pucheu, a cidade está aberta. As fronteiras estão desguarnecidas. É a indiscernibilidade que atrai sua escrita. Talvez seja por isso que, agora, quando

o leitor tem em mãos os livros recentes lançados pelo poeta-filósofo, ele não se espante ao perceber em que jardim foram dar esses caminhos que se bifurcam e fundem: por trás da capa do “livro de poesia”, uma outra prática do pensamento; dentro do “livro de crítica”, uma outra forma de buscar a poesia.

Em 2017, Pucheu lançou *Para que poetas em tempos de terrorismos?*, uma reunião de poemas que, desde a pergunta do título até a forma reflexiva/digressiva que os poemas assumiram, convocava para o coração do incômodo. Dos incômodos dos nossos tempos de terrorismos. Tudo assim: plural. Poetas, tempos, terrorismos. Porque aí também não há a fronteira do uno, do distinto, do discernível, mas justamente o interesse pelo turbilhão das poéticas e das questões que se debatem em nós, dentro e fora de nós, num tempo em que apenas “seguimos como conseguimos seguir”.

Quem leu aqueles poemas de Pucheu já esperava pelas outras respostas que viriam para a pergunta pungente da capa do “livro de poesia”. E agora elas chegam como dois “livros de crítica” que se unem na tarefa de pensar – e pensar, em Pucheu, assim como escrever poemas, é resistir politicamente – os terrorismos que cruzam nossos tempos e a forma como a poesia se faz com e contra eles.

Refiro-me a *Que porra é essa – poesia?*, coletânea de ensaios de Pucheu, e *Annita Costa Malufe, por nós*, com quatro ensaios sobre a poeta paulista, escritos por Pucheu e por integrantes do grupo de pesquisa que ele coordena na Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre poesia brasileira contemporânea: Bruno Domingues Machado, Danielle Magalhães e Luanna Belmont.

Já numa primeira aproximação aos dois livros é interessante perceber como se articulam para reforçar um gesto muito específico em relação à poesia do nosso tempo – e ao nosso tempo. Pucheu – com seus poemas, com seus ensaios, com suas aulas e alunos – reúne forças para abraçar o que há de mais vivo no contemporâneo, jamais evitando o que é *novo demais para absorver* ou o que é *difícil de dizer*. Jamais fugindo ao risco de que tudo que é sólido se desfaça enquanto arma suas ideias.

Pelo contrário, Pucheu mergulha e convida ao mergulho nas águas revoltas da poesia que está sendo escrita hoje, do golpe que está sendo dado hoje, da vida que está sendo vivida hoje. É esse hoje atravessado por mil setas que atrai a inteligência crítica e a sensibilidade de Pucheu. Interessa a Pucheu e aos autores que reuniu ao redor de Annita Malufe o que está *em ato*: absorver, com a poesia do pensamento e com o pensamento da poesia, o que está acontecendo neste exato momento.

E não é por acaso que há um “por nós” na capa de um dos livros, que bem poderia estar em ambos, porque vários dos textos de *Que porra é essa – poesia?* são “conversas” intensas de Pucheu com quem também tem vivido o risco de escrever – poesia e crítica – sob a pestade dessa pergunta fundamental que dá título e eixo a seu livro: que porra é essa? De

Piero Eyben a Davi Kopenawa, de Luis Miguel Nava a Manoel de Barros, de Annita Costa Malufe aos gregos, a inquietação de Pucheu sabe bem o que o move: “Com poesia, trata-se, sempre, de algum modo, de lidar com vida arrepiada, de lidar com o irrepresentável da vida em seu arrepio”.

E por isso são tão duras as perguntas colocadas na cara – na cara mesmo, mais que na capa – dos seus livros siameses: *Para que poetas em tempos de terrorismos?* e *Que porra é essa – poesia?* O próprio projeto gráfico de ambos já insinua que o leitor que entrou pelo sinal de interrogação do “livro de poesia” vai invadir o “livro de crítica” por um sempre mesmo sinal de interrogação. Vem da filosofia, certamente, a convicção de que somente as perguntas movem. Somente por meio de perguntas nos movemos. Quanto mais duras, quanto mais fundamentais, mais vivo nosso movimento rumo sempre a outras perguntas ainda mais duras e mais fundamentais e a tudo que vivemos e aprendemos entre uma pergunta e outra. Essa é a tarefa.

E não pode nos escapar que essa é sempre a tarefa de um “nós” que construímos enquanto nos movemos. Em seu movimento particular, Pucheu vai se multiplicando ou se constituindo num “por nós” com que se aproxima da poesia de Annita Malufe. E apenas esse “por nós” é capaz de levar até onde Pucheu, Bruno, Danielle e Luanna (e certamente outros integrantes do grupo de pesquisa) querem ir com a poesia de Annita Malufe. Podemos até mesmo dizer que faria todo o sentido se os artigos de Bruno, Danielle e Luanna estivessem no volume *Que porra é essa – poesia?*, assim como o artigo de Pucheu sobre Annita está em ambos os livros agora lançados, revelando os trânsitos, os deslocamentos, as “fronteiras desguarnecidas” da ação desse “nós”.

A propósito, essa mesma contaminação entre poesia e crítica, entre lírica e pensamento, pode ser vista também no caso de Danielle Magalhães, jovem poeta e pesquisadora, autora de um dos ensaios sobre Annita Malufe, que lançou recentemente seu primeiro livro de poesia, *Quando o céu cair* (7Letras, 2018), ➡

em que alguns poemas se apresentam com a epígrafe “pensando nos poemas de...” e outros tantos revelam nexos da mesma natureza com as vozes – poéticas, críticas etc. – que se espalham ao seu redor. A meu ver, insinuam-se aí outras tantas extensões e possibilidades daquele “nós”, quando Danielle busca uma poética *toda sua* ao se abrir para os outros: dialogar, pensar sobre, pensar junto, escrever a muitas mãos e mentes.

Lendo os ensaios escritos por Pucheu e pensando em seu percurso (*múltiplo*, mas cada vez mais *uno*), pode-se afirmar que neles se consolida algo como uma *maturidade* crítica e criativa, e o seu principal salto se dá justamente aí: maturidade em Pucheu coincide com uma radicalidade vertiginosa, uma disposição para o mergulho em direção às raízes daquilo que – em poesia, em filosofia, na “vida

arrepiada” – buscou desde sempre, o que exige abandonar as formas como ele próprio fazia poesia e filosofia e crítica até aqui. É isso: abandonar-se para reinventar-se, reinventar-se para dar conta da tarefa. Por isso, *Que porra é essa – poesia?* é não apenas um livro em que Pucheu reúne textos sobre as principais questões de que se tem ocupado nos últimos anos, mas um livro em que se rebela contra elas e contra a forma como lidou com elas.

Pucheu inaugura um *procedimento* diverso. Numa tentativa de definição, diria que surge nesses ensaios algo como *um pensamento a partir da criação*. É cada vez mais *o poeta que pensa*. Como se Pucheu, na crítica, buscasse um lugar novo a partir do qual falar e o encontrasse justamente no lugar do qual fala sua poesia. E vice-versa. E esses lugares se renovassem à medida que são descobertos. Por ele

Ministério da Cultura e MAM São Paulo apresentam

mam ||||| 70

A MARQUISE O MANEJO E NÓS NO MEIO

Curadoria Ana Maria Maia
até 19 ago

Museu de Arte Moderna de São Paulo
Parque Ibirapuera, São Paulo

e pelo “nós” de que se cerca e amplia. A partir dali, Pucheu faz filosofia, mas não só, não ainda, não mais. Faz poesia, mas não só, não ainda, não mais. Faz crítica literária, mas não só, não ainda, não mais. Talvez por isso, o leitor que vier buscar o discurso da crítica literária *como já conhecido* (em que, no geral, são analisados *de fora*, sem contaminação, objetos cuidadosamente escolhidos e delimitados e controlados) estará mais uma vez no coração do incômodo, como nele esteve quem entrou no “livro de poesia” de Pucheu para procurar os poemas *como já conhecidos*. É assim que Pucheu se move.

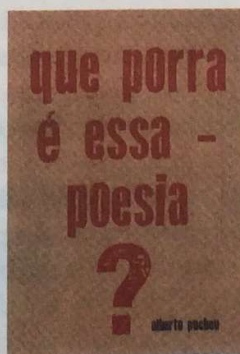
Essa fala que, a partir do lugar da criação, absorve a crítica, a filosofia, a teoria, a poesia e tudo o mais que precisar para invadir seus “objetos” (que, nesse mesmo gesto, perdem justamente a fria artificialidade de “objetos”), é a forma encontrada por Pucheu para dar conta do elo profundo entre poesia e vida que lhe interessa – a poesia como “experiência vital”. E cada ensaio nos dois livros tem essa marca: Pucheu, Bruno, Danielle e Luanna perguntam, não apenas a cada poema lido (ou escrito, quando é o caso), *que porra é essa – poesia?*, mas também *que porra é essa – vida?*

E toda resposta a essa interrogação, como toda outra interrogação que dela se desdobre, bem sabemos, nunca é uma forma de alívio. O leitor que entrar no livro de Pucheu procurando resposta “final” para a pergunta colocada na capa, na verdade, será levado para o que está antes da pergunta, seus bastidores, suas profundezas. Será instigado a investigar o porquê de tantas vezes nos perguntarmos o que é a poesia ou que é a vida, porque na poesia-pensamento de Pucheu, o fio que vai de Platão aos ensaístas de hoje, de Homero aos poetas de hoje, puxa o leitor para o lugar em que tais autores não valem como “autoridades”, mas como mais alguém chamado à conversa.

É, antes, no corpo, como uma caixa de ressonância dessas vozes todas e, portanto, lugar tanto do “eu” quanto do “nós”, que Pucheu vai começar sua/nossa busca: “para aprendermos a perguntar pela poesia, precisamos de uma aeróbica diária esquisita do corpo, dos afetos e do pensamento, precisamos enveredar por

labirintos dos mais difíceis, precisamos de um preparo diário de muitas horas, nas quais suamos, arfamos, trememos e latejamos, em busca de um trabalho com o outro, em busca de um trabalho para o outro, em busca de um trabalho em que o outro se faz presente em nós em uma instância decisiva”. Nesse sentido, o que distingue os textos aqui comentados é o fato de que eles próprios são, antes, *objetos provocados a existir* pela poesia que os precede, do que a imposição de certezas teóricas sobre objetos dominados.

Por isso, o conjunto dos ensaios de Pucheu em *Que porra é essa – poesia?* e também de seus parceiros Bruno, Danielle e Luanna em *Annita Costa Malufe, por nós* incorpora uma outra ideia poderosa: a aproximação radical ao núcleo daquilo que interrogamos – a poesia, a vida, essas “porras” – exige caminhar para longe dos lugares confortáveis a partir dos quais tanto a poesia como sua crítica têm sido feitas. Não é uma caminhada fácil, mas eles já nos mostraram que é possível fazer. ■



QUE PORRA É ESSA - POESIA?

Alberto Pucheu

Azougue Editorial
294 páginas • R\$ 58



ANNITA COSTA MALUFE, POR NÓS

ORGANIZAÇÃO Alberto Pucheu

Azougue Editorial
172 páginas • R\$ 46